

---

## Apresentação

### **Memória e resistência. Semiótica apesar dos tempos adversos\***

Ivã Carlos Lopes<sup>i</sup>

Eliane Soares de Lima<sup>ii</sup>

Carolina Lindenberg Lemos<sup>iii</sup>

---

Com esta edição de abril de 2022, a revista *Estudos Semióticos* alcança a marca dos quinhentos trabalhos publicados desde seu número inaugural em 2005. Aos olhos de quem atua em áreas mais povoadas ou cuja dinâmica de publicações é mais ligeira, como nas ciências biomédicas, pode parecer pouco, mas, para a semiótica, que faz parte das ciências do texto e da cultura, e que até o presente ainda não conta com uma quantidade muito grande de pesquisadores, nem no país, nem no exterior, é um marco ponderável. Desde seus inícios bastante modestos, quando veiculava essencialmente artigos de pós-graduandos da Semiótica e Linguística Geral da FFLCH-USP uma vez por ano, até o momento atual, o periódico foi conquistando uma base mais ampla em termos de autores, de correntes teóricas e grupos de pesquisa, nacionais e internacionais, representados, assim como de público, pouco a pouco se aprimorando como meio de difusão das investigações desse campo. E, se há algo a celebrar, não será por algum fetichismo das *performances* quantitativas, tão comum no mundo acadêmico hoje em dia, mas sobretudo pelo marco simbólico em nossa trajetória; somos semioticistas e, como tais, não desprezamos o simbólico. Estamos em D; já pensamos em M.

É também um momento de extensão e reorganização da equipe editorial, especialmente no que tange às fases da revisão dos manuscritos, da diagramação dos documentos finais e da divulgação do material publicado. Contamos, a partir de agora, com uma equipe ampliada para noticiar, nas redes sociais, os artigos de

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.196555>.

<sup>i</sup> Editor responsável. Docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [lopesic@usp.br](mailto:lopesic@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0153-1949>.

<sup>ii</sup> Editora responsável. Docente do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [elianesl@id.uff.br](mailto:elianesl@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0198-4473>.

<sup>iii</sup> Editora responsável. Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [carolina.lemos@ufc.br](mailto:carolina.lemos@ufc.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0114-2548>.

cada número; a editoria de *layout*, igualmente, acaba de receber o reforço de novos participantes; por fim, numa iniciativa em parceria com a revista *Entrepalavras* (UFC, Fortaleza), a *Estudos Semióticos* ofereceu em modo *online*, entre novembro e dezembro de 2021, sua primeira oficina de formação de revisores, graças à qual temos hoje um grupo mais largo e sobretudo mais bem preparado para as tarefas dessa importante etapa do fluxo de trabalho. Pequenos passos que, somados, devem contribuir para a consecução de nossos objetivos na veiculação de estudos de qualidade cultural e científica, e que possam chegar aos leitores, de resto, tendo recebido um tratamento editorial à altura.

Decorridos exatos trinta anos do falecimento de Algirdas Julien Greimas (1917 - 1992), estamos honrados em prestar ao criador da semiótica discursiva um singelo tributo, abrindo este número da *Estudos Semióticos* com seu texto sobre a nostalgia, cuja edição original data de 1986 e que trazemos a público pela primeira vez em tradução para o português. Seu ponto de partida é a intuição de que o lexical, o narrativo e o discursivo, se por certo requerem uma clara discriminação entre patamares de descrição, nem por isso devem ser vistos como opostos por *natureza*, mas antes por *extensão relativa*. Consultando então um dos livros de cabeceira dos semioticistas – o dicionário *Petit Robert* da língua francesa –, Greimas assinala, no jogo de remissões de verbete a verbete, os elementos, patentes ou latentes, portadores de toda uma organização actancial, juntiva, modal e aspectual a sustentar os semantismos implicados nas acepções de “nostalgia” da língua de Molière.

O sujeito nostálgico, na cultura em questão, é aquele que, tendo perdido algo, ou alguém, ou algum lugar onde tinha vivido, *não pode não se lembrar* do objeto irrecuperável, que segue lhe retornando fantasmaticamente à consciência. Ao inevitável cotejo (na dimensão cognitiva) de sua não-conjunção presente com sua conjunção de outrora, tal sujeito sentirá sobrepor-se (na dimensão tímica) o pesar da perda, o peso da pedra que tinha no meio do caminho. Assim, o fundador da Escola semiótica de Paris vai desvelando, em seus múltiplos componentes, o pequeno drama subjacente a essa “dor do retorno”, tal como se manifesta no idioma francês ou, pelo menos, em seus dicionários de uso habitual. Prolongando estudos anteriores (de Jacques Fontanille sobre o desespero, do próprio Greimas sobre a cólera, de Francesco Marsciani sobre a indiferença...) e anunciando as publicações dos anos subsequentes, essas breves páginas ilustram – para quem pode, hoje, ler com o recuo das décadas – alguns dos fios condutores da semiótica das paixões que, a exemplo da promoção da aspectualidade, acabariam marcando de forma irreversível essa corrente de pensamento, numa época de profundas transformações.

Lúcido como sempre, Greimas faz ele próprio a ressalva, na conclusão do artigo, de que seus apontamentos, por mais que abram alas para a análise da nostalgia *à la française*, ainda não autorizam maiores generalizações. Eis aí uma

pista esboçada e um convite a novas pesquisas que, por meio de comparações entre estados de alma similares nos quadros de outras culturas, possam iluminar por contraste o alcance e a acentuação que lhes atribuem, em outras épocas ou latitudes, estes ou aqueles povos.

Há uma outra data que a presente edição assinala com uma modesta homenagem. Fomos todos surpreendidos pela morte, em novembro de 2021, do semiótico Per Aage Brandt. Ainda sob a comoção da triste notícia, o professor Wolfgang Wildgen (Universidade de Bremen, Alemanha) redigiu, diretamente em francês, o artigo “Un aperçu de la sémiolinguistique de Per Aage Brandt”, no qual rememora sua longa interlocução teórica com o colega dinamarquês e, principalmente, desenvolve comentários sobre três de seus livros: *L'analyse phrastique. Introduction à la grammaire* (Bruxelas, 1973), *La charpente modale du sens. Pour une sémio-linguistique morphogénétique et dynamique* (Aarhus, 1992) e *Spaces, Domains, and Meaning. Essays in Cognitive Semiotics* (Berna, 2004). As três obras serão destacadas por Wildgen como representativas das grandes fases de uma carreira de pesquisador que se desdobra por cerca de meio século.

Em *L'analyse phrastique*, Brandt compara, antes de tudo, algumas gramáticas modernas associadas, em maior ou menor medida, à tradição que, desde Saussure e os pioneiros dinamarqueses, levará posteriormente a autores como Tesnière e Šaumjan. Num tempo em que começavam a penetrar mais visivelmente no mundo universitário europeu as ideias de Chomsky e seguidores, Brandt toma posição pelas gramáticas que, aos problemas colocados pelas relações entre *constituantes* imediatos, contrapõem um modo de raciocínio mais afeito à compreensão das *dependências* estruturais nos enunciados (frasais ou outros).

Na obra de 1992, *La charpente modale du sens*, que retoma sua tese defendida (1987) em Paris sob a orientação de Greimas, Brandt estuda o território da modalidade, partindo de diferentes fontes que reúnem, ora a semiótica (Greimas e a Escola de Paris), ora a linguística e, mais precisamente, a corrente americana dos semanticistas ditos “West Coast” tais como Ronald Langacker, Leonard Talmy ou Eve Sweetser. Aqui já se notam algumas inflexões de pensamento: Brandt lê os predecessores recentes à luz de uma semântica morfodinâmica inspirada, é certo, em René Thom, porém trazendo propostas suas para a esquematização mediante um uso peculiar da topologia das catástrofes elementares, às quais adiciona todo um imaginário “geográfico” (espaço) e “histórico” (tempo) – uso inédito que ficará singularizado como uma das mais originais e estimulantes utilizações da teoria thomiana até os dias atuais.

*Spaces, Domains, and Meaning*, de 2004, é um livro em que estão coligidos quinze trabalhos escritos por Brandt no decorrer da década de 1990, período

caracterizado por sua maior aproximação com os colegas da semântica cognitiva americana, os quais acabarão convidando o docente de Aarhus a assumir uma cadeira de *Cognitive Semiotics* na Case Western Reserve University, em Cleveland, Ohio, onde ele irá lecionar e desenvolver investigações durante a última etapa de sua carreira acadêmica. É perceptível, nas páginas dessa obra de 2004, a continuidade da elaboração dos modelos de cunho topológico e dinâmico, mas agora pendendo na direção do aporte dos estadunidenses e, em particular, efetuando a seu modo reinterpretar as teorias dos *mental spaces* e do *conceptual blending* (Gilles Fauconnier, Mark Turner). As três obras selecionadas por Wildgen dão uma boa amostra de uma trajetória intelectual em permanente busca de perspectivas renovadas, sempre inquieta, sempre inconformista.

O “par incerto” a que se refere, no artigo seguinte, o título de Claude Zilberberg (1938 - 2018), é constituído pela *transcendência versus a imanência*, oposição de ampla envergadura que desempenha um papel fundador ao repartir, no nível epistemológico, por um lado, teorias da linguagem de alcance transcendente, ontologicamente alicerçadas, como a semiótica filosófica de Peirce, e, por outro, teorias de cunho imanente, a exemplo da tradição não-ontológica que, a partir de Saussure, se desdobra em pesquisadores como Hjelmslev e Greimas.

De acordo com Zilberberg, para projetar alguma luz sobre as complexas relações entre imanência e transcendência, é útil recorrer a uma alternância tensiva: a distinção entre os valores de absoluto e os valores de universo. Com efeito, se se admitir a tese do autor segundo a qual a imanência resulta de uma operação de triagem (valores de absoluto), na mesma medida em que a transcendência resulta, por sua vez, de uma operação de mistura (valores de universo), será possível reconhecer com ele que “a transcendência é o espaço de acolhimento das dificuldades não resolvidas ou mal resolvidas da imanência”. Por conseguinte, quando determinada teoria não dispõe de meios para falar, por exemplo, da afetividade, o resultado é seu deslocamento para o campo aberto da transcendência. O criador da semiótica tensiva comenta, no mesmo ato, trechos das obras de Ernst Cassirer nos quais se vê de que maneira o filósofo acolhe, como imanentes, variáveis que outros pensadores costumam situar na transcendência; e, para comprová-lo, retorna ao exemplo da ideia mesma de afetividade.

Dois desdobramentos, à primeira vista distantes, mas dotados de elos tensivos em profundidade, são explorados por Zilberberg a seguir. O primeiro é a questão da metáfora na poética de Aristóteles, que o estudioso francês reinterpreta levando em conta a noção semiótica de “concessão”. O segundo é uma surpreendente comparação entre, de uma parte, a paixão da “admiração” em Descartes e, de outra, a apresentação feita por Max Weber do “desencanto” do mundo moderno, cada vez mais destranscendentalizado à proporção que, em

certas culturas do Ocidente, o progresso da ciência vai corroendo, em caráter irreparável, crenças ancestrais. Nesse caso, as relações entre o transcendente (talvez, até mesmo, o “transcendental”) e o imanente estão atreladas, semioticamente falando, à eterna disputa de territórios entre o crer e o saber. Assim se conclui mais um trabalho bem ao estilo de Zilberberg, oferecendo-nos, ao preço do esforço de abstração e sistematização, uma reflexão audaciosa, pouco respeitosa das compartimentações escolares costumeiras e até das épocas históricas aproximadas, porém pródiga em sutileza e desenvoltura intelectual.

Em “Semiótica do discurso filosófico: a palavra pensada, o ato de escrita e o sentido”, quarto artigo do número, o professor e pesquisador da área de Direito Eduardo Carlos Bianca Bittar (Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil) explora os aspectos discursivos da filosofia, entretanto sem operar “uma *reductio* da filosofia à *textualidade*”, mas procurando “compreender o ato de *enunciação filosófica* como *exercício de discurso*”, um *laboratório de ideias*. Nesse percurso, Bittar perscruta a relação entre palavra e sentido para a produção do conceito filosófico. Em suas palavras, “Ao praticar a ousadia de levantar o cobertor que envelopa a relação entre as palavras e as coisas, a *filosofia* relativiza a objetividade do entorno, dilui o senso comum e, por isso, *re-abre as fronteiras do sentido* para novas perspectivas de compreensão”. O autor identifica dois movimentos no trabalho com a palavra, o de escansão e o de condensação, este último culminando na construção do conceito. Nesse movimento, fundam-se os próprios sistemas filosóficos. O que enfim dá sentido amplo aos sistemas é estar imerso numa totalidade imaginária do discurso filosófico e se constituírem os textos como condição de passagem das ideias entre gerações.

No segundo movimento de seu artigo, Bittar analisa o ato de escrita e a atividade filosófica que o envolve. Desse ato, o autor destaca como o escrever é também um inscrever e, por aí, age sobre o mundo, faz-falar de forma independente do sujeito epistêmico. Reconhece então uma diferença entre o ato de pensamento, que elabora, e o ato de escrita, que registra. Esse registro, ao tornar-se público, também constrói a perspectiva adversativa, polêmica, fundando uma tríade da tarefa filosófica entre o simbólico, o polêmico e o concreto, devidamente mediados pela linguagem.

Por fim, o trânsito entre essas dimensões produz no filósofo uma dissociação da vida ordinária, para habitar o mundo do pensamento. Essa segregação, essa paratopia, está ligada tanto à criação de estereótipos do intelectual, como à construção de um lugar físico - o bureau -, projeção física da oficina de ideias, proteção que estabelece as condições físicas e simbólicas para o trabalho. Todos esses elementos chegam enfim na perspectiva de renovação dos objetos de conhecimento, que é, afinal, o fazer filosófico.

“Semiótica e política: um estudo de caso”, de Lucia Teixeira (Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro), refaz o percurso de desconstrução

da classe política que se inicia nos últimos anos antes das eleições brasileiras de 2018 até a dominação da extrema-direita por meio da vitória no pleito eleitoral. Abre-se a discussão com a afirmação da política como forma de vida, modo de ser e de estar no mundo e mediação das relações interpessoais. Para articular de forma ampla os textos que vão fazer emergir essa forma de vida no caso em foco, Teixeira seleciona uma série de imagens-chave nesse processo político de crescimento e afirmação da extrema-direita. Ao reconhecer a prisão do pré-candidato da esquerda e o atentado ao pré-candidato da extrema-direita como figuras semânticas de dois atos extremos numa campanha eleitoral, a autora abre para a discussão da construção semiótica das paixões e da violência, dos excessos e transbordamentos, enfim, dos estilos de vida em jogo nesse contexto.

Seu percurso analítico começa com a análise de imagens que participaram de forma central na associação da classe política, de modo geral, à corrupção e à inconfiabilidade. Por meio de cores, figuras e apelos sensíveis, constrói-se o linchamento moral da classe política, em especial da esquerda. A força e ubiquidade dessas figuras e dessa mensagem criam uma indeterminação no campo político que será preenchido pelos políticos de direita, com apelo à ordem militar e à figura de Deus. O processo de moralização do discurso pela direita acabará por se condensar no corpo do homem que viria a se eleger presidente e se multiplica na figura de seus filhos. Sobriedade e unicidade desdobrada na repetição marcam a imagem analisada em seguida: um passo na direção da construção discursiva do corpo do presidente que se reforça na análise de sua gestualidade e na construção de sua imagem pública. O mesmo desdobramento detectado nos corpos dos filhos se vê refletido em sua presença digital por meio dos robôs que espalhavam a campanha nas redes sociais e faziam proliferar as *fake news*. As *fake news* abrem então o caminho para a análise do efeito de verdade das imagens numa discussão sobre a veridicção e as oscilações entre o crer e o saber.

Diferentemente da coesão do corpo do candidato, Teixeira reconhece o destinatário da campanha como multiforme, grupos com interesses historicamente conflitantes, que oscilam num espectro que vai da ingenuidade (crer difuso) ao fanatismo (crer intenso), entre eles o crer esvaziado que indiferencia as propostas (com os tantos votos nulos). Conclui seu percurso analítico já depois da posse, com contrastes entre a figura sempre pedestre do presidente frente às solenidades do cargo, apontando os baixos índices de aprovação (que sugerem a adesão prolongada apenas dos fanáticos) e a possibilidade de resistência, emblematizada na tapeçaria *Os músicos*, de Di Cavalcanti, que paira sobre o grupo do governo na última imagem analisada por Teixeira.

“O virtual, a atualização e o tempo presente em Émile Benveniste: uma leitura sobre o signo 'vazio’”, de Marcelo Corrêa Giacomini (Universidade Federal

de Juiz de Fora, Minas Gerais), também da área do Direito, discute o estatuto de virtualidade do pronome pessoal na linguística de Benveniste. Nesse sentido, o autor se pergunta sobre o pronome como ato de atualização, sem que isso esteja atrelado a uma mesma “representação”, como ocorre em formas léxicas plenas. O fato se complica ao pensarmos que o pronome “eu” está ligado à atualização da enunciação e, com ela, à experiência a cada vez única do tempo. Em última instância, o pronome está colocado entre a virtualidade como possibilidade de compartilhamento subjetivo e o atualizado como constante renovação.

O autor então retoma a apropriação feita por Benveniste das discussões saussurianas acerca da arbitrariedade, da mutabilidade e da imutabilidade do signo. Benveniste opera um deslocamento da relação de arbitrariedade entre significante e significado para a relação entre signo e realidade. A arbitrariedade é assim vista como “esse signo e não outro” para uma dada referência. A partir daí, Giacomini retoma a noção de imutabilidade agora como a permanência do signo como o mesmo até sua atualização, e a noção de mutabilidade como a perspectiva do outro, em jogo na noção de arbitrariedade. Dessa forma, o autor faz um percurso que rearranja as noções de virtual e atualizado a partir desses conceitos retrabalhados pelo linguista francês.

O artigo segue numa comparação entre a formulação benvenistiana para o pronome (signo vazio) e o signo pleno. A permanência da realidade “referencial” de um nome é apresentada então como efeito de virtualidade, ou a imutabilidade desse signo. A própria existência do signo pleno se justifica ao conceber a atualização como possibilidade virtual de atualização. Sendo assim, o signo lexical garante sua atualização na possibilidade de permanência, na sua virtualidade. O mesmo não pode ser dito do pronome, cuja atualização dispensa anterioridade virtual. Isso sugere que não seja necessária uma estrutura ou um “aparelho” que garanta a possibilidade de repetição. O autor se coloca a questão do que poderia então assegurar a repetição da instância do discurso a partir do pronome, se não nos valem da condição virtual dos signos plenos. O aparelho formal enfim garante a repetibilidade da enunciação e, ao lado da noção de signo vazio como atualização (e não virtualidade), chega-se à formulação que a ideia de “atual” representa alguma forma temporal do presente. E o pronome se define como “um ato que retoma ou renova um presente contínuo”.

Em “Classe média brasileira: novas fachadas, velhos hábitos”, Lucas Porto de Queiroz (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarapé, Ceará) e Camila Barros (Universidade Federal do Ceará, Fortaleza) propõem a investigação de uma manifestação de superfície de hábitos sociais enraizados nas relações sociais. A base da sociedade se estende até dados de superfície: a análise de nomes de condomínios residenciais e sua implantação na fachada em dois bairros da cidade de Fortaleza com perfis econômicos distintos. O artigo contextualiza a pesquisa discutindo o aspecto incivilizado que

marcou os três primeiros séculos da história brasileira, na tirania e poder ilimitados do senhor de terras sobre todos à sua volta, em especial os indivíduos escravizados. A chegada da corte impôs uma primeira perspectiva moralizadora, mas que mais mascarou do que resolveu a questão. E restos desse caráter incivilizado permanecem no tecido social, se manifestando frequentemente na completa insensibilização em relação à alteridade. Nesse contexto, há o surgimento da classe média. Desprovida dos meios econômicos, forma-se da reprodução do capital cultural, capital esse que distingue a classe média das classes populares, o que explica sua relutância feroz em compartilhá-la. A filiação europeia marca assim a possibilidade de distinção social. Estão aí colocados os ingredientes para a análise que se desdobra nas páginas seguintes.

Na análise do aspecto verbal, discutem a ênfase no caráter de segregação e de refinamento (ainda que bastante superficial, dadas as misturas incongruentes de línguas e termos) dos nomes de condomínios no bairro de alto perfil econômico. Apesar da mistura de línguas, os autores reconhecem a construção de valores de absoluto na inacessibilidade e exclusão que esses nomes operam. Inversamente, no bairro de perfil econômico mais modesto, predominam nomes acessíveis, genéricos e em português, construindo assim a inclusão e acessibilidade dos valores de universo.

Na análise do elemento verbo-visual, a reflexão da casa como lugar privado, de segurança, mas, também como objeto de consumo, apresenta-se como marca de pertencimento a um grupo exclusivo. Marca gráfica do condomínio: estilo e constituição identitária. No bairro Luciano Cavalcante (de alto poder econômico), há sinalizações destacadas para a marca gráfica, em oposição à sinalização de menor impacto no outro conjunto de marcas em Passaré. Em Luciano Cavalcante, técnicas de design remetem seja ao campo das artes, seja à natureza (esta um capital tão inacessível quanto a primeira). Escolhas tipográficas, arranjos espaciais e simbólicos constroem esses campos de referência em cada caso. Em Passaré, predominam marcas gráficas mais simples, menor presença de símbolos e maior recurso exclusivo à tipografia. Ainda que com poucos recursos, permanece a busca de referências às artes e à elegância nas estratégias estilísticas, inclusive com uma referência à natureza na marca que mais se assemelha às de Luciano Cavalcante. O saldo é que, com recursos distintos, uma abstração simbólica comum ganha materialidade nos objetos, aproximando as duas regiões de Fortaleza. Na combinação dessa reflexão acerca do design com a análise tensiva do aspecto verbal, os autores revelam, por trás das diferenças, a mesma tendência excludente que marca a classe média brasileira.

O artigo "O andamento tensivo em *Água viva*, de Lispector: do improviso jazzístico a uma [quase] *aria cantabile*", de Fernando Moreira (Universidade de São Paulo, São Paulo), propõe uma análise da dimensão enunciativa da obra, concebendo-a como um "discurso-entoação" caracterizado por determinada

cifra tensiva. Tomando por base as propostas teórico-metodológicas de Claude Zilberberg e Luiz Tatit, em diálogo com estudos de autores de outras áreas, entre elas a Música, a Sociologia e até mesmo a Física, a preocupação do autor é justamente a de descrever os aspectos próprios a essa caracterização, ao andamento (*tempo*) que então se configura e a ela subjaz. Para isso, depois de detalhada discussão sobre a noção de *continuum*, em uma perspectiva interdisciplinar, o estudo se detém em mostrar, mais longamente, como se dá essa busca pela forma de discursivização perfeita da experiência sensível vivida pela narradora, que – diante do paradoxo entre o instante e o duradouro, que não passa – para, reflete, questiona e coloca em xeque questões sobre a língua, a construção dos sentidos, o discurso.

As manifestações afetivas do sensível, da experiência vivida, pelo viés da semiótica tensiva, também constituem o foco do texto de Joyce do Nascimento Lopes (Universidade de São Paulo, São Paulo), "O percurso passional de Elena: da esperança à melancolia". Neste artigo, é o caminho, marcado por angústia, medo e frustrações, que leva até o estado de alma de melancolia da protagonista – do premiado documentário *Elena* (2012), de Petra Costa –, e dele ao suicídio, o objeto de interesse da pesquisadora. Assim, é o plano do conteúdo discursivo do texto fílmico o espaço eleito para análise. Para além da perspectiva de investigação da Semiótica, a autora recorre também, procurando estabelecer um diálogo entre as duas formas de abordagem, ao clássico ensaio freudiano "Luto e melancolia". Sua intenção é mostrar a produtividade analítica daí decorrente para o exame da configuração passional da melancolia, sobretudo na sua relação direta com o suicídio, mostrado, ao longo de sua exploração, como a consequência última da "negação do sujeito", tanto do ponto de vista semiótico, quanto psicanalítico.

A passionalidade feminina aparece igualmente no artigo "O relato de Flora Tristan: tensão entre o ser e o parecer de uma pária", de Vanessa Pastorini (Universidade de São Paulo, São Paulo), cujo objetivo é chamar a atenção para o projeto enunciativo – tal como o concebe Renata Mancini – do relato de viagem da escritora e militante socialista e feminista franco-peruana do contexto do sansimonismo francês do século XIX, que acreditava no poder da escrita enquanto meio eficaz à luta em favor dos que mais sofriam. O intuito de Pastorini é depreender do modo de dizer que caracteriza a obra autobiográfica as estratégias de gerenciamento sensível e afetivo, instituídas a partir da alternância entre inflexões tensivas menos ou mais tônicas e menos ou mais átonas, para levar o enunciatário proposto a se sensibilizar com as dificuldades e aflições enfrentadas na trajetória narrada. Outro ponto de interesse à discussão que propõe é a identificação dos preconceitos, compreendidos a partir do ponto de vista da ativista, relacionados à mulher na esfera matrimonial e que a condenam a ser considerada e a se sentir como uma pária para a sociedade,

marcada pelo selo da ilegitimidade. A articulista incorpora ainda a sua análise as noções semióticas de graus de veridicção, na tensão estabelecida entre essência e aparência, e de belo gesto, procurando lançar luz sobre o movimento narrativo que, entre o máximo de injustiças, limitações e pressões sofridas, permite a conversão do sujeito submetido ao jugo social em um sujeito do agir, capaz de transformar os encaminhamentos de sua própria existência.

O último texto desta edição é o artigo "Significação e contexto: relações entre língua e cultura nos pontos de renda Renascença", de Liliane de Souza Almeida (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa). A perspectiva teórico-metodológica eleita é a da Semântica, seguindo a proposta de Ferrarezi Júnior, principal nome da Semântica de Contextos e Cenários no Brasil, de acordo com a autora. Com especial atenção para o exame das escolhas lexicais de um grupo de mulheres rendeiras do município de Monteiro, no interior da Paraíba, o que é buscado em sua pesquisa é a exploração dos aspectos culturais do significado, sobre o fundo de um possível atrelamento ao contexto sociocultural em que vivem as artesãs estudadas, tendo como objetivo final a compreensão um pouco mais aguçada do sistema de intersecção existente entre língua e mundo. O *corpus* e ponto de partida do trabalho é o vocabulário criado e utilizado pelas rendeiras para nomear os pontos da renda Renascença, artesanato desenvolvido na região, levantado com base em questionário sociocultural e entrevistas realizadas na ASSOAM (Associação dos Artesãos de Monteiro-PB) e na residência de uma das rendeiras. Também é apresentado um breve histórico sobre o surgimento da renda Renascença e sua chegada às regiões do Cariri paraibano, onde se estabeleceu essa arte. O estudo de Almeida mostra que é possível estabelecer uma relação direta entre o contexto sociocultural das rendeiras e a nomeação dos pontos, cujos nomes têm íntima relação com suas crenças religiosas, afazeres cotidianos, frutas comuns da região e mesmo manifestações amorosas, revelando aquilo que importa e é desejado por essas mulheres, a sua visão de mundo.

Da literatura ao cinema, passando pelo universo das rendas artesanais da região Nordeste; dos textos de épocas anteriores aos ancorados em nosso aqui e agora; dos estudos especializados neste ou naquele domínio de aplicação da semiótica aos debates epistemológicos, passando pelas interfaces da teoria com seus territórios limítrofes nas ciências humanas e na filosofia. Do mesmo modo como os colegas ao redor, muitos são os semioticistas que se voltaram, nos últimos anos, à análise de textos e práticas vinculadas ao presente, o que se constata ao percorrer os títulos recentes publicados neste periódico e igualmente nos demais; nossos próximos dossiês temáticos programados para esta temporada – “Semiótica e verdade” (agosto de 2022) e “Discursos discriminatórios e crise social: rupturas, desvios e desafios de uma semiótica implicada” (dezembro de 2022) também testemunham semelhantes

preocupações. Não admira: é normal que a disciplina queira contribuir, assim como o conjunto das humanidades, para o entendimento de um período difícil, de uma crise que em múltiplos âmbitos aflige, violenta como há muito tempo não se via, a maioria da população do país. Se, no fechamento desta edição, as estatísticas dão sinais de certa atenuação da pandemia de coronavírus, em contrapartida não sabemos ainda se o calvário dos brasileiros, iniciado antes da eclosão da Covid-19, começará a ser reparado em 2023 ou não. Sabemos, sim, desde já, que a reconstrução (quando vier) será laboriosa e não vai se cumprir num piscar de olhos. Em todo caso, custa imaginar mais quatro anos tão completamente disfóricos e, como semioticistas e cidadãos, gostaríamos de poder alimentar, apesar de tantos pesares, a esperança de que, no Brasil, amanhã vai ser outro dia. ●

---

---

## Memory and resistance. Semiotics despite adverse times

-  LOPES, Ivã Carlos
-  LIMA, Eliane Soares de
-  LEMOS, Carolina Lindenberg

---

### Como citar este artigo

LOPES, Ivã Carlos; LIMA, Eliane Soares de; LEMOS, Carolina Lindenberg. Memória e resistência. Semiótica apesar dos tempos adversos. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 1. São Paulo, abril de 2022. p. i-xi. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

### How to cite this paper

LOPES, Ivã Carlos; LIMA, Eliane Soares de; LEMOS, Carolina Lindenberg. Memória e resistência. Semiótica apesar dos tempos adversos. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18.1. São Paulo, april 2022. p. i-xi. Retrieved from: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Accessed: month/day/year.

---

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.  
This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

